

## A urbe: as artes e os ofícios



**O lenhador.** In manuscrito *Moralia in Job*, de Gregório – O Grande, escrito e iluminado em Cister, em 1111, sob o abaciado de Etienne Harding. ERLANDE-BRANDENBURG, Alain – *Quand les cathédrales étaient peintes*. [s.n.]: Gallimard, 1993. p. 50.

A partir do século XII, como nos séculos anteriores, a principal fonte de produção de riqueza era a terra, na e da qual se ocupava grande parte da população de Torres Vedras. Todavia, iam-se introduzindo, paulatinamente, os ofícios na vila, apesar do seu maior número se encontrar ainda virado para a satisfação das necessidades básicas das suas gentes e do termo.

A transformação de géneros alimentícios, os trabalhos do couro, ferro e tecidos, as alfaias agrícolas e domésticas, assim como os ofícios ligados à construção civil, naval e religiosa ocupavam as gentes de ofício na vila medieva torriense. Eram sapateiros, alfaiates, carpinteiros, ferreiros, taneiros, coleiros e cubeiros, todos oficiais procurados pelas populações urbanas e rurais.

As alçaçarias e os pelames (este testemunhado pelo no microtopónimo «Polomes») situavam-se próximos do rio Sizandro, fora da vila, uma vez que a sua produção era geradora de intensos odores, permitindo simultaneamente o escoamento dos efluentes produzidos por esta "indústria". Próximos destes, uma vez que os seus ofícios se encontram associados, localizavam-se os surradores e os peliteiros, que se ocupavam do curtimento das peles.

A relação cidade-campo era sobretudo complementar, mais do que feita de oposições. Por isso mesmo, carniceiros e caçadores eram os fornecedores habituais destes mesteirais, que por sua vez vendiam as peles (de carneiro, gamo ou cervo) aos safoeiros, para a confecção dos safões.

Paralelamente, e desde muito cedo, foi-se desenvolvendo uma pequena indústria" de panos na vila, provavelmente suficiente para assegurar a maior parte, se não a totalidade, do abastecimento do centro urbano e do termo.

Os alfaiates aparecem em grande número quer na urbe, quer no espaço rural, impondo a tecelagem como a actividade mais importante e, talvez, mais lucrativa na Torres Vedras medieva. Associados ao vestuário, mas especializados, surgem os soqueiros.

A "indústria" do ferro também conhecia uma procura crescente, favorecida pelos progressos técnicos, que originaram o aumento e a melhoria da produção, multiplicando-se os ofícios relacionados com a sua produção e transformação. Se não existem quaisquer referências a jazidas de metais no espaço medieval torriense, é certo que o topónimo «Freiria» parece testemunhar a sua presença.

Já nos finais da Idade Média, nomeadamente nos séculos XV e XVI, multiplicaram-se os fabricantes de armas, cujo incremento inicial parece estar ligado a um esforço de defesa, também local, associado às guerras fernandinas. Mais tarde as "empresas" régias no Norte de África

acabariam por consumir e fomentar a sua produção. A seu lado surgiam outros especialistas na arte do ferro, nomeadamente os ferradores.

A construção absorvia igualmente muitos homens de ofício. Pedreiros e alvanéis, quer em edifícios particulares, quer públicos, aqui mais pequenos, mas imitando igualmente a arte dos construtores das catedrais. Lembremos apenas a construção das igrejas de Santa Maria e de S. Pedro ou o Chafariz dos Canos, cujas primeiras referências documentais conhecidas datam de inícios do século XIV. Mas também o castelo foi exigindo construções e reparações, bem como a muralha da vila, que a arte de esculpir a pedra bruta não é acessível a todos.

Muitos destes especialistas, a exemplo de tantas vilas e cidades do reino, foram-se agrupando por ofícios. É disso exemplo a presença de uma Confraria de Alfaiates, pelo menos desde 1332, em Torres Vedras, situada na Ermida de Nossa Senhora do Ameal, assim como uma Confraria dos Sapateiros, instituída em 1359, tendo por padroeiro S. Gião, localizada junto daquela.

Em suma, os ofícios foram-se multiplicando, testemunhando um incremento da procura e, por sua vez, um aumento populacional. Todavia, manter-se-ia ao longo da Idade Média, prolongando-se pelos séculos XVI e XVII, o carácter incipiente da sua especialização, sendo igualmente notória a ausência de ramos inteiros de certas actividades. No fundo, procurava-se satisfazer as necessidades mais elementares, típicas de um centro urbano ainda muito dependente da riqueza extraída da terra.

Para além das necessidades básicas das populações, apenas as elites poderiam alcançar a ostentação de determinados luxos, nomeadamente o uso de sedas, jóias, objectos de arte ou livros. Estes eram bens de escassa procura que não justificavam, por essa razão, a presença na vila e termo de um profissional. Por isso mesmo, eram trazidos de fora, provavelmente da cidade de Lisboa, mercado

fornecedor e complementar de um conjunto de produtos que a "indústria" local não oferecia. Os ornamentos da igreja de S. Miguel, por exemplo, iam reparar a Lisboa, devido à ausência de um ourives em Torres Vedras, situação que acontecia com os livros, por falta de um encadernador.

**SAIBA MAIS:**

RODRIGUES, Ana Maria Seabra de Almeida - *Torres Vedras: A vila e o termo nos finais da Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian ; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.